



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A DOCTRINA DA SOBERANIA DIVINA MEDIANTE A ANÁLISE DE JEREMIAS 1.1-5

The doctrine of divine sovereignty through the analysis of jeremiah 1.1-5

Breno Silva Brito Afonso¹

RESUMO

Este artigo propõe uma análise exegética e teológica de Jeremias 1.1-5 à luz da doutrina da soberania divina, considerando tanto o contexto histórico do Antigo Oriente Próximo quanto as implicações textuais da vocação profética. Partindo do colapso político e espiritual de Judá no século VII a.C., o estudo investiga como a mensagem e o chamado de Jeremias emergem em um cenário de crise institucional, idolatria e ruptura da aliança, com destaque para a transição do reinado reformista de Josias para a decadência sob Jeoquim e Zedequias. A origem sacerdotal marginalizada do profeta, oriundo de Anatote, e sua condição periférica diante do centro cultural de Jerusalém, ilustram como Deus soberanamente escolhe instrumentos improváveis para comunicar sua vontade. Com base na análise dos verbos hebraicos-chave presentes no versículo 5 (“escolhi”, “separei” e “designei”), argumenta-se que a soberania divina se manifesta não apenas no governo providencial da história, mas também na iniciativa livre e amorosa de Deus em conhecer, consagrar e enviar seus servos. O artigo demonstra, por fim, que o profeta verdadeiro não age por motivação própria nem representa interesses humanos, mas é expressão concreta da autoridade de um Deus que reina, julga e salva soberanamente, mesmo em tempos de ruína nacional. A reflexão proposta visa contribuir para a compreensão da vocação profética como ato teológico que revela a centralidade da soberania divina na história da salvação.

Palavras-chave: Soberania divina. Vocação profética. Antigo Testamento. Exílio babilônico.

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7405-4815>.
E-mail: britobrenosilva@gmail.com

ABSTRACT

This article proposes an exegetical and theological analysis of Jeremiah 1.1-5 in light of the doctrine of divine sovereignty, considering both the historical context of the Ancient Near East and the textual implications of the prophetic vocation. Starting from the political and spiritual collapse of Judah in the seventh century BCE, the study investigates how Jeremiah's message and calling emerge in a scenario of institutional crisis, idolatry, and covenant rupture, with emphasis on the transition from the reformist reign of Josiah to the decadence under Jehoiakim and Zedekiah. The prophet's marginalized priestly origin, from Anathoth, and his peripheral condition in relation to the cultic center of Jerusalem, illustrate how God sovereignly chooses unlikely instruments to communicate his will. Based on the analysis of the key Hebrew verbs present in verse 5 ("I have chosen," "I have set apart," and "I have appointed"), it is argued that divine sovereignty is manifested not only in the providential government of history, but also in God's free and loving initiative in knowing, consecrating, and sending his servants. Finally, the article demonstrates that the true prophet does not act out of his own motivation nor does he represent human interests, but is a concrete expression of the authority of a God who reigns, judges, and saves sovereignly, even in times of national ruin. The proposed reflection aims to contribute to the understanding of the prophetic vocation as a theological act that reveals the centrality of divine sovereignty in the history of salvation.

Keywords: Divine sovereignty. Prophetic vocation. Old Testament. Babylonian exile.

INTRODUÇÃO

A soberania de Deus é uma das doutrinas mais fundamentais e abrangentes da teologia cristã. Ela afirma que Deus, como Senhor absoluto sobre todas as coisas, age com liberdade, autoridade e poder para realizar plenamente sua vontade, conforme seu próprio conselho (Ef 1.11). Essa convicção, que atravessa toda a Escritura, fornece à fé cristã um fundamento seguro em tempos de estabilidade e, especialmente, em contextos de crise, sofrimento e transição histórica. Entre os diversos textos bíblicos que ilustram essa realidade, o chamado profético de Jeremias, registrado em Jeremias 1.1-5, oferece uma rica perspectiva sobre a atuação soberana de Deus não apenas sobre a história das nações, mas também sobre a vida individual de seus servos.

O texto de Jeremias 1.1-5, ao descrever o momento em que Deus chama Jeremias para o ministério profético, destaca três verbos que apontam para a ação soberana de Deus: conhecer, separar e designar. O Senhor declara: "Antes de formá-lo no ventre eu o escolhi; antes de você nascer, eu o separei e o designei profeta às nações" (v. 5). Esses verbos – *yada'*, *qādaš* e *nātan* – não descrevem apenas um chamado circunstancial, mas revelam um propósito divino eterno, que antecede a existência do próprio profeta. A soberania de Deus é, portanto, evidenciada em sua presciência pessoal, em sua consagração intencional e em sua entrega generosa, não apenas para com Jeremias, mas como modelo da forma como Deus chama e envia seus servos em toda a história da redenção.

O cenário histórico em que Jeremias foi chamado amplifica o peso teológico de sua vocação. O profeta iniciou seu ministério no décimo terceiro ano do reinado de Josias, o último

rei piedoso de Judá, e continuou a pregar durante os reinados de Jeoaquim e Zedequias, até o exílio babilônico. A decadência espiritual, moral e social de Judá, somada à oposição ferrenha que Jeremias enfrentou, incluindo rejeição, perseguição e desprezo, não foi suficiente para anular o propósito soberano de Deus em sua vida. Como observa Eugene Peterson, a vida de Jeremias foi marcada não pela busca da felicidade, mas pela busca de Deus e da fidelidade à sua Palavra – um chamado que somente poderia ser sustentado por uma convicção profunda na soberania divina que o havia conhecido, separado e designado antes mesmo de seu nascimento.

Dessa forma, este artigo propõe-se a investigar a relação entre Jeremias 1.1-5 e a doutrina da soberania divina, articulando uma análise exegética do texto bíblico com implicações teológicas mais amplas. O objetivo é demonstrar como a soberania de Deus não é uma ideia meramente abstrata ou fatalista, mas uma realidade pessoal, ativa e relacional, que sustenta o chamado vocacional, governa os rumos da história e molda a identidade do povo de Deus. Ao integrar o testemunho de Jeremias com declarações doutrinárias clássicas da fé e outras passagens das Escrituras, como Isaías 46.8-11, Salmo 139 e Atos 4.27-28, argumentaremos que a soberania de Deus envolve não apenas seu conhecimento prévio de todas as coisas, mas sua determinação e governo soberano sobre todos os eventos — naturais, humanos e espirituais.

Neste percurso, também será abordado o contraste entre a soberania divina e os discursos modernos de autodefinição, autossuficiência e bem-estar individual, frequentemente presentes em perspectivas antropocêntricas. A vida e a vocação de Jeremias, tal como narradas no início de seu livro, oferecem um contraponto poderoso à lógica do desempenho e do individualismo contemporâneo, revelando que a verdadeira identidade, missão e realização humanas somente podem ser compreendidas à luz do propósito soberano de Deus, que nos conhece, nos separa e nos dá — para Ele mesmo e para o mundo.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

A análise do chamado profético de Jeremias, conforme registrado em Jeremias 1.1-5, exige uma cuidadosa consideração do contexto histórico em que tal vocação foi manifestada. O relato introdutório do livro situa o ministério de Jeremias em uma conjuntura crítica da história de Judá, marcada pela instabilidade política, pelo declínio espiritual e pela iminência do juízo divino que culminaria no exílio babilônico. A referência explícita ao reinado de Josias, bem como à sucessão de seus filhos até a deportação de Jerusalém, não é meramente cronológica, mas teológica: sinaliza que o chamado de Jeremias está inserido em um cenário de infidelidade à aliança e de urgente necessidade de restauração. A palavra profética emerge, portanto, como resposta soberana de Deus diante da apostasia de seu povo e da corrupção de suas lideranças.

O ministério de Jeremias atravessa aproximadamente quatro décadas, iniciando-se no décimo terceiro ano do reinado de Josias (c. 627 a.C.) e estendendo-se até o colapso final de Jerusalém em 586 a.C. Apesar das tentativas iniciais de reforma religiosa promovidas por

Josias, a realidade espiritual de Judá revelou-se resistente à conversão genuína. Os reis subsequentes – Jeoaquim, Jeconias e Zedequias – abandonaram a fidelidade ao Senhor, sucumbiram à idolatria e comprometeram a integridade da nação ao confiarem em alianças políticas ao invés da aliança com Deus. Nesse contexto, o profeta Jeremias foi chamado a confrontar os poderes estabelecidos, denunciar a hipocrisia religiosa e anunciar tanto o juízo iminente quanto a esperança escatológica de uma nova aliança. Sua atuação, embora marcada por rejeição, isolamento e sofrimento pessoal, revelou-se um testemunho vívido da autoridade soberana de Deus sobre os rumos da história.

Nesse horizonte histórico-teológico, a soberania divina se manifesta não apenas como controle transcendente dos acontecimentos, mas como intervenção concreta na formação e envio de seus mensageiros. O chamado de Jeremias – antecipado desde o ventre materno, conforme a declaração do próprio Deus – constitui uma evidência de que, mesmo em meio à decadência institucional e ao caos nacional, o Senhor permanece absolutamente soberano, conduzindo seu propósito redentor por meio de instrumentos escolhidos segundo o conselho de sua vontade. Assim, o contexto histórico que envolve Jeremias não apenas informa a sua missão profética, mas também ilumina o modo como a soberania divina atua, molda e sustenta vocações em momentos decisivos da revelação bíblica.

1.1 O cenário político e espiritual de Judá no século VII a.C.

O chamado de Jeremias ocorreu em um dos momentos mais críticos da história de Judá. O século VII a.C. foi marcado por transformações geopolíticas profundas no Antigo Oriente Próximo, especialmente com a queda do império assírio e a ascensão da Babilônia como potência dominante. Internamente, Judá experimentava uma breve tentativa de reforma espiritual sob o reinado de Josias (640–609 a.C.), mas essa renovação revelou-se superficial e insuficiente para conter a deterioração da aliança entre Deus e seu povo. Após a morte de Josias em Megido, durante um confronto com o Egito (2Rs 23.29-30), inicia-se um processo acelerado de colapso político, moral e religioso.

O sucessor de Josias, Jeoaquim, imposto pelo faraó Neco, representou um retrocesso tanto espiritual quanto administrativo. Seu reinado (609-598 a.C.) foi caracterizado por injustiça social, exploração econômica e aliança com poderes estrangeiros, em clara contradição com as exigências da aliança mosaica. Thompson observa que, “Jeoquim permaneceu um vassalo leal do Egito. Ele foi um substituo fraco de Josias. Ele era pessoalmente extravagante e construiu um palácio com trabalho forçado. Permitiu que a reforma de Josias esmorecesse e favoreceu aqueles que sempre se opuseram à reforma”.² A idolatria voltou a ser amplamente tolerada, e os líderes religiosos corromperam-se, confundindo a segurança do templo com a garantia da presença divina, mesmo em meio à prática do pecado (Jr 7).

² THOMPSON, John A. *Jeremias: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 35.

Com a chegada de Nabucodonosor II ao poder na Babilônia (605 a.C.), a situação de Judá tornou-se ainda mais precária. As sucessivas campanhas militares babilônicas, incluindo a deportação de elites (597 a.C.) e, por fim, a destruição de Jerusalém (586 a.C.), compõem o pano de fundo histórico do ministério profético de Jeremias. A crise do século VII não foi apenas política, mas teológica. Judá rompeu com sua vocação de santidade ao pactuar com a idolatria e a injustiça, provocando o juízo divino previsto nas maldições da aliança (Dt 28). Para Thompson a “mensagem de Jeremias continha elementos relevantes que serviriam para explicar aos exilados os motivos para a calamidade que sucedera às nações e para encorajar o coração dos exilados – talvez inclinados ao desespero –, uma esperança em uma futura restauração”.³ A narrativa de Jeremias, portanto, é inseparável do colapso de Judá e revela, paradoxalmente, a fidelidade soberana de Deus em julgar e, posteriormente, restaurar seu povo.

1.2 Jeremias: identidade, origem sacerdotal e localização geográfica

Jeremias é identificado no versículo inaugural de seu livro como “filho de Hilquias, um dos sacerdotes de Anatote, no território de Benjamim” (Jr 1.1). A menção à sua origem sacerdotal e geográfica é teologicamente relevante, pois situa o profeta fora do centro de poder cultural de Jerusalém. Anatote era uma cidade levítica destinada aos sacerdotes, localizada a poucos quilômetros ao norte da capital, mas social e religiosamente periférica. A tradição histórica aponta que os sacerdotes de Anatote descendiam de Abiatar, que fora deposto por Salomão após apoiar Adonias em detrimento de Salomão durante a crise sucessória (1Rs 2.26-27). Ao favorecer a linhagem de Zadoque, Salomão centralizou o culto em Jerusalém, marginalizando os descendentes de Abiatar. Nesse sentido, Jeremias emerge como representante de uma linhagem sacerdotal excluída, cuja voz não ecoa do templo oficial, mas das margens da autoridade religiosa.

Essa origem periférica reforça a natureza contracultural de sua vocação. Ao levantar um profeta de Anatote, Deus desafia as expectativas institucionais e subverte a legitimidade do centro cultural corrompido. Warren Wiersbe destaca que “Jeremias cresceu em Anatote num tempo em que a idolatria prosperava em Judá, as crianças eram oferecidas como sacrifício aos ídolos, a lei de Moisés era desprezada e desobedecida e parecia não haver esperança para a nação. Sacerdotes piedosos não eram tidos em alta consideração”.⁴ A escolha de Jeremias, portanto, revela uma ação soberana e deliberada de Deus, que chama seus mensageiros não com base em prestígio institucional, mas conforme seu propósito eterno. A localização geográfica e o histórico sacerdotal do profeta não apenas informam sua biografia, mas ilustram como Deus frequentemente opera nas bordas do sistema para renovar, julgar e redimir seu povo.

³ THOMPSON, 2022, p. 127.

⁴ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento. Proféticos. Santo André: Geográfica, 2006, p. 91. Vol. 4.

1.3 A função profética no contexto do Antigo Oriente Médio

No contexto sociopolítico e religioso do Antigo Oriente Médio, os profetas ocupavam um papel singular dentro das estruturas das nações. Em Israel, diferentemente dos modelos culturais pagãos, o profeta verdadeiro era reconhecido não por sua habilidade oracular ou por integrar o aparato estatal, mas por sua vocação direta e intransferível da parte de Deus. A função profética, portanto, estava profundamente vinculada à revelação da aliança e à proclamação da vontade de Yahweh. No tempo de Jeremias, no entanto, o cenário profético havia se degradado. Multiplicaram-se os falsos profetas, cujo discurso, muitas vezes marcado por palavras de paz e prosperidade, contrastava frontalmente com a denúncia e o chamado ao arrependimento que caracterizavam os verdadeiros mensageiros de Deus. J. A. Thompson observa que “os profetas de Jerusalém também cometeram adultério e vivem uma mentira. Eles rejeitavam em sua própria vida a soberania única e completa de lavé. Mas também encorajavam os que praticavam o mal de modo que continuavam em seus caminhos maus”.⁵ A tensão entre a profecia autêntica e a profecia institucionalizada tornou-se um dos temas centrais do ministério de Jeremias.

Nesse cenário de disputa por legitimidade espiritual, o papel do profeta verdadeiro revela-se como extensão concreta da soberania divina. O profeta não é autônomo em sua mensagem, nem movido por conveniência pessoal ou popularidade. Sua autoridade deriva exclusivamente da iniciativa de Deus, que o escolhe, separa e designa como porta-voz de sua vontade. Jeremias, ao insistir que a palavra do Senhor “veio a ele” (Jr 1.2,4), reforça que sua função é fruto da ação soberana de Deus – um chamado que antecede sua própria existência e que o coloca em confronto direto com as estruturas religiosas corrompidas. A soberania divina, portanto, não se manifesta apenas no conteúdo da mensagem, mas também no meio pelo qual ela é comunicada. O profeta é, por excelência, o instrumento escolhido por Deus para julgar, corrigir, convocar ao arrependimento e anunciar esperança, mesmo quando isso implica rejeição, sofrimento e oposição. A profecia autêntica, nesse sentido, é uma encarnação da autoridade soberana de Deus em meio ao caos da história.

2. APLICAÇÃO TEXTUAL (EXEGESE TEOLÓGICA DO CHAMADO)

2.1 Ele nos conhece: a presciência soberana de Deus (v.5a)

O versículo 5 de Jeremias 1 inicia com uma das declarações mais densas e teologicamente significativas de toda a literatura profética: “Antes que eu te formasse no ventre, eu te conheci”. O verbo hebraico *yada'* (יָדָעַ), tradicionalmente traduzido por “conhecer”, possui um campo semântico que transcende o mero conhecimento intelectual ou informativo. No hebraico bíblico, *yada'* frequentemente carrega um sentido relacional, afetivo e eletivo, sendo usado em contextos de aliança (Am 3.2) e até mesmo em relações conjugais (Gn 4.1). No caso de Jeremias, a aplicação do verbo antes mesmo da formação biológica indica

⁵ THOMPSON, 2022, p. 480.

um conhecimento prévio fundado em soberania, intenção e propósito. Deus não apenas antevê a existência de Jeremias, mas o conhece de modo profundo e íntimo, em uma relação que antecede qualquer resposta humana.

Tal uso de *yada'* revela uma dimensão da soberania divina que está enraizada não no determinismo impessoal, mas em um amor eletivo e deliberado. Trata-se de uma presciência que envolve vínculo e eleição – uma escolha que emerge da liberdade de Deus em amar e chamar, não com base em méritos futuros, mas por sua própria vontade soberana. Como observa John Frame, “o conhecimento de Deus é ativo, criador e formador de história; não é um mero espelho do futuro, mas o fundamento da realidade”.⁶ Assim, a afirmação divina a Jeremias deve ser lida como parte de uma teologia da aliança, em que Deus estabelece uma relação com o profeta antes mesmo de qualquer mediação cultural, religiosa ou institucional. A presciência de Deus, nesse sentido, não é abstrata ou fatalista, mas profundamente pessoal e reveladora de seu caráter relacional.

As implicações teológicas desse conhecimento antecipado são vastas. A doutrina da presciência soberana, à luz de Jeremias 1.5, reafirma que o chamado divino é sempre anterior à capacidade humana de resposta e que a identidade vocacional é recebida, não construída. Isso confronta as noções modernas de autonomia radical e autodeterminação, pois sugere que nossa existência é, desde o princípio, envolvida em um projeto divino. Em Jeremias, Deus se apresenta como aquele que inicia, conduz e cumpre o propósito da vida humana. Tal perspectiva não apenas consolida a segurança do profeta em meio à oposição e ao sofrimento, mas também sustenta uma visão teológica da vida como vocação, ou seja, como resposta contínua ao conhecimento prévio de um Deus que chama soberanamente aqueles a quem já ama.

2.2 Ele nos separa: a consagração para o propósito divino (v.5b)

A sequência do chamado divino em Jeremias 1.5 afirma: “antes que saíesses da madre, te santifiquei”. O verbo hebraico *qādaš* (שׁוֹדֵף), comumente traduzido por “santificar” ou “consagrar”, carrega o sentido de separar algo ou alguém para um uso exclusivo e sagrado. No Antigo Testamento, esse termo é utilizado para designar a separação de objetos litúrgicos (Êx 29.36), dias (Gn 2.3), lugares (Êx 3.5) e pessoas (Êx 28.41) com a finalidade de servirem a Deus segundo sua vontade. Quando aplicado a Jeremias ainda no ventre materno, *qādaš* indica que a consagração profética não foi produto de um processo de amadurecimento religioso ou reconhecimento social, mas uma decisão soberana e anterior do próprio Deus. Tal separação pré-natal retira de Jeremias qualquer ilusão de protagonismo e insere sua missão em uma economia teológica da eleição e do serviço.

A consagração profética, portanto, não é meramente um status espiritual, mas uma realidade funcional e vocacional. Jeremias foi separado não para um tipo genérico de santidade, mas para um ofício específico no plano divino: ser profeta às nações. A lógica do

⁶ FRAME, 2002, p. 151.

chamado profético revela que Deus não apenas conhece intimamente seus servos, mas também os distingue para tarefas determinadas de acordo com seu propósito eterno. Nesse sentido, *qādaš* indica uma ação concreta de delimitação: Jeremias pertence ao Senhor, e sua vida está ontologicamente vinculada à missão que lhe é conferida. A separação, nesse caso, envolve identidade e destino. Como afirma Christopher Wright, “Jeremias fala que os profetas verdadeiros ficavam na presença de Deus e ouviam sua palavra, ao passo que os falsos profetas nunca faziam isso — nunca ouviram de verdade algo o que Deus havia dito”.⁷

Essa consagração soberana também confronta uma concepção circunstancial da vocação, muito comum nas leituras antropocêntricas contemporâneas. Ao invés de responder apenas a uma necessidade histórica ou a uma aptidão humana, a missão de Jeremias é o resultado de uma determinação divina anterior. A consagração não emerge da ocasião, mas precede e interpreta o momento histórico. Isso significa que, teologicamente, a missão é um dado ontológico, não um produto da conveniência social ou da projeção pessoal. Jeremias é profeta porque Deus o separou, e isso confere à sua mensagem uma autoridade que transcende a aprovação pública ou o sucesso ministerial. A teologia da consagração profética, portanto, reafirma a soberania de Deus não apenas sobre a existência, mas sobre os sentidos e finalidades do chamado humano.

2.3 Ele nos dá: a missão como dádiva ao mundo (v.5c)

A última afirmação de Jeremias 1.5 – “e te dei por profeta às nações” – introduz o verbo hebraico *nātan* (נתן), cuja tradução comum é “dar” ou “entregar”. Em contextos teológicos veterotestamentários, *nātan* expressa frequentemente um ato voluntário de concessão ou doação da parte de Deus, seja de leis (Êx 24.12), de bênçãos (Dt 28.1-14) ou de pessoas (Is 49.6). Nesse versículo, o uso de *nātan* sugere que a vida e o ministério de Jeremias não pertencem apenas a si mesmo, mas são uma dádiva divina à coletividade – “às nações”. Deus não apenas separa seu profeta para si, mas o oferece ao mundo como instrumento de sua palavra, juízo e graça. Esse movimento revela uma lógica missional profundamente enraizada na generosidade divina: o chamado profético é uma vocação que transcende os interesses do indivíduo e se converte em serviço sacrificial para o bem de muitos.

Essa perspectiva projeta Jeremias como antecipação tipológica do próprio Cristo, que também é apresentado nas Escrituras como “o dom de Deus” ao mundo (Jo 3.16). Assim como Jeremias foi dado às nações para anunciar tanto o juízo quanto a esperança de restauração, Jesus é enviado como aquele que cumpre e supera a missão profética ao encarnar a própria Palavra de Deus (Jo 1.14). A doutrina da soberania divina se manifesta, portanto, não apenas na eleição e consagração, mas também no envio generoso – um envio que não visa autopreservação, mas doação plena. Jeremias, ainda no ventre, já estava destinado a ser um presente profético de Deus à humanidade. O cristão, à luz dessa vocação, é igualmente

⁷ WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 378.

chamado a entender sua vida como dádiva, não posse; como missão, não projeto pessoal. A soberania de Deus, portanto, não apenas organiza os fins da história, mas molda a vida de seus servos como meios vivos da sua ação redentora no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo demonstram que o chamado de Jeremias, longe de ser um mero relato autobiográfico ou uma introdução literária ao livro profético, constitui uma rica exposição da soberania divina aplicada à vocação humana. A análise do contexto histórico de Judá no século VII a.C., bem como das formas verbais hebraicas empregadas em Jeremias 1.5, evidenciou que a eleição, a consagração e o envio de Jeremias são atos soberanos de Deus que precedem qualquer mérito, decisão ou iniciativa do próprio profeta. A soberania aqui não se restringe a um atributo metafísico ou distante de Deus, mas apresenta-se como uma realidade dinâmica, relacional e interventiva, que molda a história, convoca indivíduos e estabelece sua missão conforme os propósitos eternos da aliança. Nesse sentido, o texto reforça uma teologia vocacional fundamentada na iniciativa divina e na resposta humana, desafiando compreensões utilitaristas ou pragmáticas da vocação ministerial.

A exegese do texto revelou que os verbos hebraicos *yada'*, *qādaš* e *nātan*, usados respectivamente para “conhecer”, “separar” e “dar”, não apenas descrevem etapas da vocação profética, mas expressam uma lógica teológica profundamente enraizada na soberania de Deus. O conhecimento prévio de Deus é relacional e eletivo; a separação é consagração para um fim santo, e o envio é expressão de uma dádiva divina ao mundo. Essas categorias não são apenas aplicáveis à figura de Jeremias, mas, à luz da aliança em Cristo, iluminam a compreensão cristã da missão da Igreja e do chamado individual. A autoridade do profeta, sua mensagem e sua atuação não derivam de sua própria vontade, mas da ação prévia de Deus que o estabelece e o envia. Assim, a teologia do chamado apresentada nesse trecho de Jeremias corrige visões antropocêntricas da vocação e reorienta o sujeito para um centro teocêntrico.

Em tempos marcados pela valorização da autonomia subjetiva, da autoconstrução identitária e da autorrealização como finalidade da existência, Jeremias 1.1-5 confronta os paradigmas modernos ao afirmar que identidade e missão são realidades recebidas, e não produzidas. O profeta não é aquele que decide servir, mas aquele que é conhecido, separado e dado por Deus antes mesmo de existir biologicamente. Essa convicção restaura a centralidade de Deus na formação do sujeito vocacional e no envio missional da comunidade da fé. Jeremias se torna, portanto, um paradigma de como a soberania divina não oprime, mas fundamenta e legitima a existência e a missão humanas. O chamado do profeta, interpretado à luz da soberania divina, convoca o leitor contemporâneo a uma vida moldada não por impulsos subjetivos, mas pela escuta obediente daquele que, em sua liberdade e graça, nos conhece, nos separa e nos envia ao mundo como testemunhas de sua aliança.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Tradução Nova Almeida Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

HAYS, J. Daniel. Jeremias e Lamentações. In: WALTON, John H.; KEIL, Peter H. (Org.). **Comentário Bíblico Histórico-Cultural: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 651-672.

PETERSON, Eugene H. **Corra com os cavalos: a busca pela vida plena**. São Paulo: Mundo Cristão, 2024.

THOMPSON, John A. **Jeremias: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2022.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento. Proféticos**. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 4.

WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento**. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.